

MARIA

MARY

Luan Gabriel C. Fagundes¹

Eu, Maria, nascida em 92 chego próximo da minha morte. Como sei disso? No Brasil uma transexual chega até, se muito, aos 32 anos. Se eu conseguir passar disso é um sinal.

Meu corpo é visto como imundo. Eu só saio de casa depois das 18h, quando escurece, sou mais desejada. De dia é uma aflição constante, até pedrada já levei aos 15 anos de idade.

Tive que aprender a me virara desde cedo, ninguém nunca se importou comigo, quando eu pedia comida nas ruas faltavam me bater, mas minha riqueza é minha saúde, fazer o que né? Deus dá aquilo que pode.

Quando eu era mais nova minha mãe me levou a um padre, ele me excomungou, depois disso só acredito no meu Deusinho, por tudo que passei coloquei meu nome de Maria, eu espero que um dia eu tenha segurança, meu sonho é terminar minha faculdade de direito e ser juíza.

Meu nome, aliás, veio daquela música “Maria, Maria...” do Milton Santos, penso em ser forte igual as Marias, igual a Maria Madalena da Bíblia, aquela lá também sofreu! Se Deus não perdoou ela? Claro que perdoou!

Eu entrei na faculdade através da Rede Ampla, uma rede de alunos e alunas trans e negras que estão em situação de vulnerabilidade. Quero fazer a diferença na sociedade.

Como Maria que sou, quero que saiba, a única coisa que alguém deve sentir no mundo é orgulho, não medo.

¹ Estudante da Instituição de Ensino Luther King, situado em Campo Grande – MS. Crônica produzida durante a disciplina de literatura sob a orientação do Prof. Msc. Renan Dalago.